

# Arte, Estética e Conhecimento para além do Sujeito

*Richard Perassi Luiz de Sousa<sup>1</sup>*

---

## Resumo

Este texto discorre sobre a percepção, a cognição, o sentimento e a arte, como pressupostos do conhecimento humano, que é parte de um conhecimento mais amplo, o qual envolve todas as coisas. A filosofia adotada toma por base o empirismo, o pragmatismo, a imanência e o monismo, afirmando que todas as coisas naturais ou artificiais estão em movimento.

O homem, por ser parte do universo, também está em movimento. O conhecimento provém do movimento das coisas e dos acontecimentos resultantes, cujas origens são anteriores e alheias à consciência humana. A própria inteligência humana é mais um acontecimento em um amplo complexo de emergências.

A arte é emerge do campo estético, o qual envolve a inteligência das coisas e a cognição humana, constituindo um conhecimento que é maior e antecedente ao homem. No entanto, o reconhecimento do universo como campo de emergência requer a sensibilidade do artista.

**Palavras-Chaves:** filosofia , percepção estética, conhecimento e arte.

## Abstract

This text is about perception, cognition, feeling and art as presupposition of human knowledge, that is part of a broader knowledge that involves everything. The adopted philosophy is on the basis of empiricism, pragmatism, immanence and monism, asserting that all natural or artificial things are in movement.

Human being/man is part of the universe so is also in movement. Knowledge comes from the movement of the things and it's results, wich origins are previous and behind human consciousness. The very human intelligence is one more event in a broad complex of emergencies.

Art comes from emerges from the aesthetic field, wich involves the intelligence of things and human cognition, building up knowledge that is bigger and previous to man. How ever, the acknowledgement of the universe as a field of emergency needs the artist sensibility.

**Key-words:** philosophy, aesthetic perception, knowledge and art.

---

<sup>1</sup> O autor é professor do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC/SP e Secretário de Cultura do Estado do Mato Grosso do Sul.

## 1. Introdução

No livro “O que é o Virtual” (1996), Pierre Lévy discorre, entre outros temas, sobre percepção, cognição, sentimento e arte. A leitura do livro de Lévy orientou-me a ler ainda o livro de Gilles Deleuze e Félix Guattari “O que é a Filosofia” (1992) e o texto “Cultivating the Hypercortex” de Roy Ascott, os quais também abordam os mesmos temas.

Alguns princípios filosóficos de Deleuze e Guattari me permitiram reconsiderar e reinterpretar a relação entre estética e conhecimento, indicando-me aonde a estética supera o vivido, do ponto de vista do sujeito, para propor, juntamente com Pierre Lévy, a arte como “virtualização da virtualização” (1996:78).

Além das obras já citadas, o livro “Teoria do Conhecimento” de Johannes Hessen (1926) me apresentou, de modo bastante didático, as questões que definem as possibilidades do conhecimento. Apesar de não tratar diretamente dos temas que citei anteriormente, o livro indicou três pontos de afirmação das idéias filosóficas que pretendo considerar neste texto, os quais são:

o empirismo e o pragmatismo;

a imanência;

o monismo na relação entre o sujeito e o objeto.

Portanto, este é um texto interpretativo, que busca relatar algumas leituras e analisar conceitos propostos, com isso, pretende ser um estimulante início para futuras reflexões mais apuradas sobre os temas em questão.

## 2. O pragmatismo naturalista ou a possibilidade do conhecimento

Juntamente com Nietzsche, não considero a “verdade como um valor teórico, mas apenas uma expressão para designar a utilidade, para designar aquela função do juízo que conserva a vida e serve à vontade de poder” (Nietzsche apud Hessen, 1926:51-2). Assim, a verdade, retirada das coisas em si, é reposicionada nas relações, ou seja, nos acontecimentos, induzindo-me a conceder-lhe, no contexto humano, um caráter político<sup>2</sup>. Isso não representa um abandono da idéia de verdade, mas coloca o todo em movimento constante, onde a verdade última jamais se anteciparia, exceto pela estagnação do próprio movimento.

---

<sup>2</sup> Político por não estar diretamente relacionado à verdade do ser, mas sim ao desejo, à vontade e à potência.

### 3. O movimento e o acontecimento

Todas as coisas naturais ou artificiais estão em movimento, o que gera os acontecimentos. Esses últimos, dinamizam as coisas, os objetos e os seres, provocando a emergência de novas relações, as quais, por sua vez, são atualizações de um potencial infinito de ocorrências dos mais diversos tipos.

Tomando, por exemplo, as ocorrências naturais de reprodução da vida, nós observamos que uma semente germina quando se desprende da árvore e encontra um solo fértil. Isso garante a continuidade do movimento e do acontecimento, porque, dentro de algum tempo, novamente haverá uma árvore da qual se desprenderá uma outra semente e assim por diante.

No entanto, se um pássaro encontra a semente no solo a tomará como alimento, configurando um outro acontecimento. Um homem que percebe esses acontecimentos poderá recolher as sementes para plantar árvores em outros locais ou, ainda, para alimentar a si mesmo ou para dar de comer a outros pássaros.

Para a árvore a verdade (potência) da semente é multiplicar a vida vegetal. Mas, para o pássaro a verdade (potência) da semente é ser alimento para si, garantindo a continuidade de sua vida animal. Já o homem verá a semente como um conjunto de possibilidades e campo de virtualização, o que torna complexa a sua percepção de uma verdade única ou primeira acerca do “ser” da semente.

Há que se considerar, ainda, que a interpretação humana da verdade não se restringe ao empirismo mais imediato. Suas inferências não se prendem, unicamente, às relações imediatas, porque a interação entre homem e mundo é mediada pela imaginação, pela subjetividade, pelo misticismo, por sua história individual e coletiva.

Isso infere o traço intuitivo-criativo e, portanto, estético na relação entre o homem e a verdade. “São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez e do excesso” (Deleuze e Guattari, 1992:58), que antecipam e configuram as potencialidades sensível-perceptivas, afetivas e criativas do filósofo e do artista.

Sob quais condições uma inferência é legítima? Sob quais condições uma crença tornada profana pode ser legítima? Esta questão só encontrará suas respostas com a *criação* dos grandes conceitos empiristas (associação, relação, hábito, probabilidade, convenção) (...) pensamento é *criação*, não vontade de verdade como Nietzsche soube mostrar (grifo nosso, *ibidem*, 1992:72-3)

Tudo está em pleno movimento o que, considerando a escala humana, promove acontecimentos mínimos, como o giro dos elétrons em torno do núcleo do átomo e, também, acontecimentos máximos, como o movimento dos planetas ou a expansão do universo.

O próprio homem, por ser parte do universo, não pode se colocar como um observador fixo, como propôs o olhar renascentista. O movimento envolve o próprio sujeito, transformando-o, deslocando-o a todo momento e apontando a necessidade do transcendente, como uma instância à parte e que, portanto, escapa do movimento;

não nos contentamos em atribuir a imanência, fazemos com que ela em toda parte faça transbordar o transcendente. Não basta mais conduzir a imanência ao transcendente, quer-se que ela remeta a ele e o reproduza, que ela mesma o fabrique. Para falar a verdade, isto não é difícil, basta *parar o movimento* (Deleuze e Guattari, 1992:65).

Porém, interromper o movimento em busca de um momento de verdade só pode ser aceito como procedimento metodológico e todo o conhecimento advindo desse método oferecerá apenas uma certeza parcial.

#### **4. A imanência ou a origem do conhecimento**

O conhecimento provém das coisas, porque o movimento propõe que o universo é ativo e criativo. As coisas em movimento promovem os acontecimentos, cuja origem é alheia e anterior à consciência humana. A partir de condições preexistentes, que deveriam comprovar sua estabilidade, o universo é capaz de se mostrar confuso e imprevisível, ao contrário do que propõe a clássica “elegância” científica, a qual insiste em demarcar e enumerar as leis estáveis.

O universo se comporta como um campo de emergência, onde ocorrem diversas e, às vezes, imprevisíveis mudanças, promovendo o surgimento dos novos eventos e coisas.

Um exemplo simples é a alteração no estado das coisas. O clima seco do outono faz com que um rio se retraia pela diminuição do volume d'água. Em consequência desse acontecimento, uma parte da margem fica exposta ao sol. O barro da margem exposta mostra-se sensível ao calor do sol e perde água. Isso faz com que o barro mude de estado, podendo apresentar-se agora como pedra ou pó.

Das coisas que se relacionam entre si nascem outras coisas, as quais também apresentam capacidades sensíveis. Algumas dessas coisas, como os

organismos vivos, precisam desenvolver sensibilidades, que lhes permitam a troca de informações necessárias à sua permanência.

Por exemplo, nas pedras ao lado dos rios proliferam alguns organismos que desenvolveram sensibilidade à umidade e ao calor a um só tempo. A sua proliferação não é possível nas pedras submersas ou naquelas constantemente expostas ao sol, porque são formas de vida que dependem da dupla presença da água e do sol. A sua continuidade em condições adversas dependerá de adaptações nos seus níveis de sensibilidade e resposta ao meio.

No caso de necessidade de sobrevivência em um ambiente submerso, provavelmente, a camada externa dos organismos citados acima deverá adquirir novos conhecimentos, tornando-se mais impermeável à água e mais sensível e receptiva aos raios solares que penetram no meio submerso.

Sensibilidade às diferenças, autonomia, e capacidade de elaboração dessas diferenças, são níveis de sofisticação que encaminham as coisas em direção à capacidade cognitiva, ou seja, ao conhecimento. “Mesmo não-viventes, ou antes não-orgânicas, as coisas têm um vivido, porque são percepções e afecções (Deleuze e Guattari, 1992:200).

O homem, o mais complexo dos seres vivos, mostra-se no ápice dessa escala de níveis. Entretanto, a inteligência humana é mais um acontecimento neste amplo complexo de emergências. Primordialmente, a cognição está ligada à capacidade sensível-interativa dos seres vivos, pretendendo, antes de qualquer abstração, a simples troca perceptivo-afetiva que prenuncia a possibilidade do conhecimento. Como informam Deleuze e Guattari:

O privilégio do ser vivo é reproduzir de dentro o potencial associado, no qual atualiza seu estado e individualiza seu corpo. Mas, em qualquer domínio, a passagem de um estado de coisas ao corpo, por intermédio de um potencial ou de uma potência, ou antes a divisão dos corpos individuados no estado de coisas subsistente, representa um momento essencial. Passa-se aqui da mistura à *interação*. E, enfim, as interações dos corpos condicionam uma sensibilidade, uma proto-perceptibilidade e uma proto-afetividade, que se exprimem já nos observadores parciais, ligados ao estado de coisas, mas um estado do corpo enquanto induzido por um outro corpo, e “afecção” é a passagem deste estado a um outro, como aumento ou diminuição do potencial-potência, sob ação de outros corpos: nenhum é passivo, mas tudo é interação (1992:72).

## 5. O sujeito e o objeto, questionando o dualismo

É próprio do sujeito emergir do campo de imanência, sendo, portanto, composto por acontecimentos de um vivido muito mais amplo do que uma experiência particular, individual ou coletiva, enquanto sujeito pensante.

O acontecimento não remete o vivido a um sujeito transcendente = Eu, mas remete ao contrário ao sobrevôo imanente de um campo sem sujeito... O empirismo não conhece senão acontecimentos e outrem... que define o sujeito: um habitus... apenas um hábito... de dizer Eu... (Deleuze e Guattari,1992:65-6).

Assim, a distância e a diferença entre o sujeito e o objeto desaparecem, uma vez que os dois têm a mesma origem e composição. Ambos possuem, portanto, uma identidade natural e comportam-se interativamente. O outro, o objeto, justifica e dá sentido à emergência do sujeito. As partes estão sobrepostas e em constante movimento. O sujeito não é fixo e tão pouco o objeto, ambos são momentos de mútua potenciação e virtualização. Ambos se relacionam e um e outro transformam-se e identificam-se mutuamente.

Pierre Lévy restabelece a clássica relação entre o sujeito e o objeto, mas em outras bases, indicando a interação entre ambos e designando os diversos objetos: materiais, intelectuais ou institucionais, e as técnicas, como fatores de hominização e individuação.

Conhecimentos valores e ferramentas transmitidos pela cultura constituem o contexto nutritivo, o caldo intelectual e moral a partir do qual os pensamentos individuais se desenvolvem, tecem suas pequenas variações e produzem às vezes inovações importantes (Lévy,1996:97).

O autor ainda destaca a ação do *objeto-ligação*, aquele objeto que circula no coletivo como elo de ligação e objetivo comum das ações de um grupo. Por exemplo, a bola no jogo de futebol apresenta-se como mediadora das possibilidades de organização da inteligência coletiva.

Ele (o objeto) coloca em funcionamento, portanto, uma espécie de transcendência giratória...Essa transcendência distribuída, esse centro deslocado de um lugar a outro, constitui certamente uma das figuras maiores da imanência. Finalmente, o objeto só

se mantém ao ser mantido por todos e o grupo só se constitui ao fazer circular o objeto (Lévy,1996:130-1).

A respeito da interação entre o objeto e o humano, Lévy considera que “o objeto atravessa as três virtualizações fundamentais da antropogênese, ele é constitutivo do humano como sujeito social, sujeito cognitivo e sujeito prático. Ele entrelaça e unifica as subjetividades técnica, da linguagem e relacional” (1996:133).

Acerca disso, deve-se reconsiderar a idéia de que há um predomínio do sujeito (transcendental) sobre o objeto. Torna-se necessário estabelecer um duplo vínculo na relação entre sujeito e objeto. Mesmo no espaço cultural, que é tipicamente humano, o objeto participa da construção do sujeito, dando-lhe razão de ser, interferindo diretamente no seu dever e colocando-o em movimento.

Por exemplo, o braço que toma o pedaço de madeira como clava, também é potencializado pela ação do objeto. Não há, *a priori*, nada que indique que o braço é naturalmente determinado a manejar a clava. É o manejo do objeto que atualiza uma potencialidade do braço e indica esta função como virtualidade do sujeito. Sendo assim, o sujeito é capaz de aprender, mas o objeto é potencialmente capaz de ensinar, porque é na interação entre o sujeito e o objeto que são definidas as virtualidades de ambos.

Na divisão cartesiana, que separa corpo e mente, o corpo humano é identificado com o objeto. No entanto, é o corpo que se relaciona com o ambiente, dando início à percepção e ao processo de interpretação cognitiva da mente, a qual o cartesianismo identifica com o sujeito. A cognição humana começa nos órgãos dos sentidos, que são extensões do cérebro; não há, portanto, divisão entre corpo e mente.

A interação material, sensível e perceptiva, desenvolve uma inteligência das coisas, precedente e independente da cognição humana, a qual propicia, inclusive, a emergência cognitiva no homem. Confirmando o que digo, Roy Ascott inicia seu texto “Cultivando o Hipercórtex”, informando sobre sua mudança como sujeito a partir da interação com o objeto rede de computadores:

Cada fibra, cada nó, cada servidor da *Net* é parte de mim. À medida que interajo com a rede, reconfiguro a mim mesmo. Minha extensão-rede me define exatamente como meu corpo me definiu na velha cultura biológica. (Ascott, in: Domingues,336)

## 6. Arte, estética e conhecimento

A arte emerge do campo estético, que é bem amplo, porque envolve a inteligência das coisas e a cognição humana, no entanto, a estética é determinada pelo predomínio da afetividade. A arte aparece como o produto estético por excelência. Todavia, nem todo objeto estético é necessariamente um objeto artístico, indicando que a estética é um campo mais amplo do que a arte.

O traço estético se manifesta na construção da percepção e da afecção, reunindo em si sensibilidade e sentimento, os quais estão diretamente relacionados com o conhecimento, como seus primeiros elementos constitutivos.

A possibilidade estética é anterior à relação do homem com o ambiente, as relações estéticas antecedem e, portanto, estão além da vivência do sujeito.

Apesar de ser campo de sentido por excelência, o sujeito, como foi dito anteriormente, não pode ser visto como possuidor de uma natureza diferente do meio do qual emergiu. “Devido à implicação recíproca entre uma subjetividade e seu mundo, as qualidades afetivas são também dependentes das qualidades do ambiente, um meio exterior que não cessa de oferecer novos objetos, novas configurações práticas ou estéticas a investir” (Lévy,1996:108).

Coube ao homem promover a síntese estética através da produção artística, contudo, as percepções e afecções fazem parte do modo como as coisas se relacionam, sendo constitutivas de uma inteligência e de um conhecimento das coisas que antecedem à própria cognição humana.

No contexto humano, o estético, o afetivo, precede ao cognitivo, servindo de ponto de partida para esse último, porque “não existem limites a priori para a eclosão de novos tipos de afetos, como tão pouco existem limites para a produção de objetos ou de paisagens inéditas. Poder-se-ia mesmo falar de uma inventividade afetiva” (ibidem). Lévy afirma ainda que “um imenso jogo afetivo produz a vida social” (1996:109), situando a percepção e a afetividade como instâncias de criatividade e socialização. Desse modo, o autor indica a atuação do estético na produção e consolidação do conhecimento.

O reconhecimento do universo como campo de emergência requer “uma sensibilidade de artista para perceber em estado nascente essas diferenças, essas defasagens, nas situações concretas. Quando o possível esmaga o virtual, quando a substância sufoca o acontecimento, o papel da arte viva (ou da arte da vida) é restabelecer o equilíbrio” (Lévy,1996:149).

A lógica é o campo do possível, porque o possível só considera os pressupostos já conhecidos. O virtual, por sua vez, prenuncia o impensável,

o improvável, exigindo a novidade e a criatividade. Acompanhando Paul Klee digo que a lógica representa o visível, aquilo que de algum modo já é conhecido, enquanto o estético, perceptivo e afetivo, torna visível o que, até então, era impensável.

Restabelecer o equilíbrio não é recompor a ordem existente, mas ao contrário, é propor um mergulho na desordem, na entropia, no caos, para retomar o movimento, que é a fonte de toda novidade, ou seja, é meio de emergência da virtualidade. O artista deve recortar o caos e nele erigir monumentos, que irão balizar o caótico, demarcá-lo, propondo novas paisagens e novos caminhos.

O artista deve estar aberto para, a partir da experiência, conseguir ir além do seu vivido enquanto sujeito. Porque se não for além, não romperá com o possível, com a previsibilidade e, por conseguinte não desvelará nada de novo. Não basta contar o que foi visto, fazer relatórios, o importante é pronunciar o novo, importante é a virtualização. Pois, como assinalam Deleuze e Guattari, não basta relatar percepções e afecções, há que se propor novos ‘perceptos e “afectos”’<sup>3</sup>

não se luta contra os clichês perceptivos e afetivos se não se luta também contra a máquina que os produz. Invocando o vivido primordial, fazendo da imanência uma imanência num sujeito, a fenomenologia não podia impedir o sujeito de formar somente opiniões que já reproduziriam o clichê das novas percepções e afecções prometidas (1992:194-5).

Esse é o caminho proposto também por Roy Ascott, no tocante à arte no espaço telemático das redes de computadores. Ascott propõe o cyberspaço como campo de emergência de novas linguagens, novas imagens, novas paisagens, etc. As novidades, no entanto, deverão ser concebidas em interatividade com o sistema, naquilo que as redes apresentam de elementos humanos, maquinais e programáticos, porque o meio antecede a mente em termos de aptidão para o conhecimento.

Nesse sentido, Ascott também questiona a arte como representação e propõe uma percepção das novas tecnologias como tecnologias inteligentes, o que em determinado nível é sinônimo de interatividade. Para o autor, a hipermídia propõe um “hipercórtex” interativo.

Ascott concorda com Lévy reafirmando artisticamente que “as qualidades afetivas são também dependentes das qualidades do ambiente, um meio exterior que não cessa de oferecer novos objetos, novas configurações práticas ou estéticas a investir” (in:Domingues,1997:338),

<sup>3</sup> Sobre esses termos ver DELEUZE & GUATTARI, 1992, “O que é a Filosofia”, cap II, pp.211-256.

desde de que o artista esteja aberto e apto para interagir com o seu meio exterior e imediato.

Pierre Lévy apresenta uma síntese sobre o papel do artista que atingiu uma nova compreensão da arte e do conhecimento. A mim sugere um paradigma para o homem contemporâneo e também o fechamento ideal para este texto.

A arte não consiste mais, aqui, em compor uma “mensagem”, mas em maquinar um dispositivo que permita à parte ainda muda da criatividade cósmica fazer ouvir seu próprio canto. Um novo tipo de artista aparece, que não conta mais história. É um arquiteto do espaço dos acontecimentos, um engenheiro de mundo para bilhões de histórias por vir. Ele esculpe o virtual. (1996:149).

## **7.Referências Bibliográficas**

ASCOTT, Roy. Cultivando o Hypercortex, in: DOMINGUES, Diana (org).

A Arte no Século XXI: A Humanização das Tecnologias, SP, UNESP,1997, pp.336-44.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1992). O que é Filosofia, trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz, RJ, ed. 34, 279 p.

HESSEN, Johannes (1926, 1987). Teoria do Conhecimento, 8.a ed., trad. Antônio Correia, Coimbra, ed. Arménio Amado, 206 p.

LÉVY, Pierre (1996). O que é o Virtual, trad. Paulo Neves, RJ, ed. 34, 160 p.